

2.

TÃO DOCE COMO AMARGA: A CIVILIZAÇÃO DO AÇÚCAR

A história da gênese colonial do Brasil continua com o ciclo econômico do açúcar. Depois do pau-brasil, a sacarose de cana, mercadoria de luxo muito valiosa no século XVI, constituiu durante quase duzentos anos o principal produto de exportação da América portuguesa.

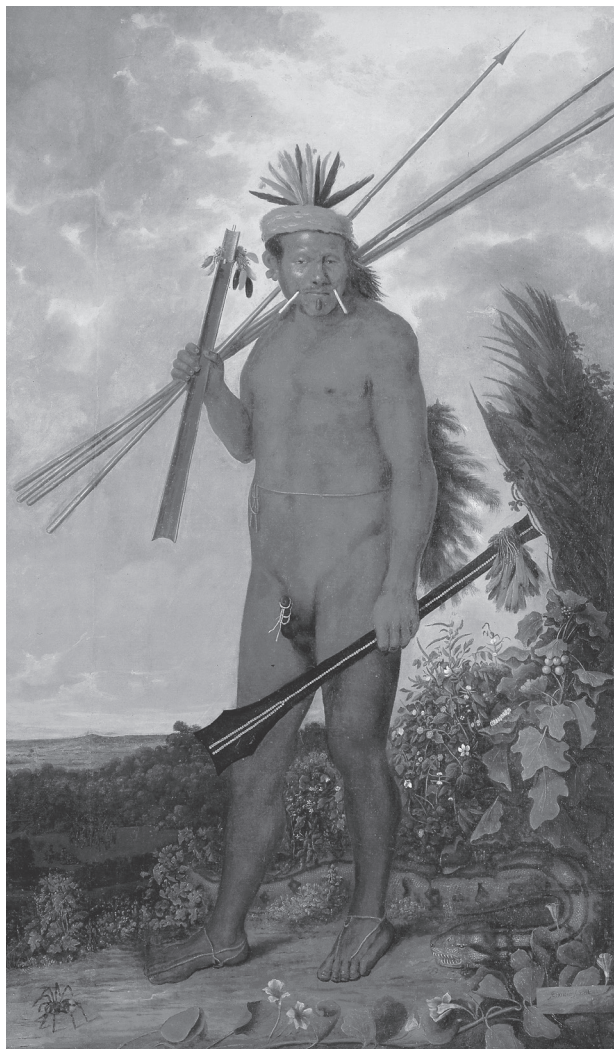
O tráfico asiático de especiarias já não era tão lucrativo. Para efetivar a ocupação territorial da colônia brasileira, os portugueses implantaram em sua região costeira um novo sistema de produção e acumulação mercantilista, sobretudo nos atuais estados das regiões Nordeste e Sudeste. Vilas e cidades, fortalezas, portos e entrepostos brotaram em torno de engenhos e plantações movidos a trabalho escravo. Embora já experimentada nas ilhas portuguesas do Atlântico, a manufatura açucareira aqui adquiriu proporções e características inéditas.

A importação de africanos para substituir a mão de obra indígena se iniciou no final do século XVI. Se a escravização de índios enfrentava forte oposição dos jesuítas — a poderosa ordem religiosa encarregada da catequese da colônia na década de 1540 —, o comércio negreiro se revelou tão lucrativo quanto o do açúcar. Começava a grande catástrofe humana da deportação massiva de cativos para o Brasil, que até 1850 vitimou quase 5 milhões de africanos. Criava-se também a clivagem entre casa-grande e senzala: mundos divididos que correspondiam a sociedades também em parte muito divididas.

Paraíso para os senhores de engenho, inferno para os índios e negros, o



2.1a. *Mulher tapuia*, óleo sobre tela de Albert Eckhout, 1641.



2.1b. *Homem tapuia*, óleo sobre tela de Albert Eckhout, 1641.*

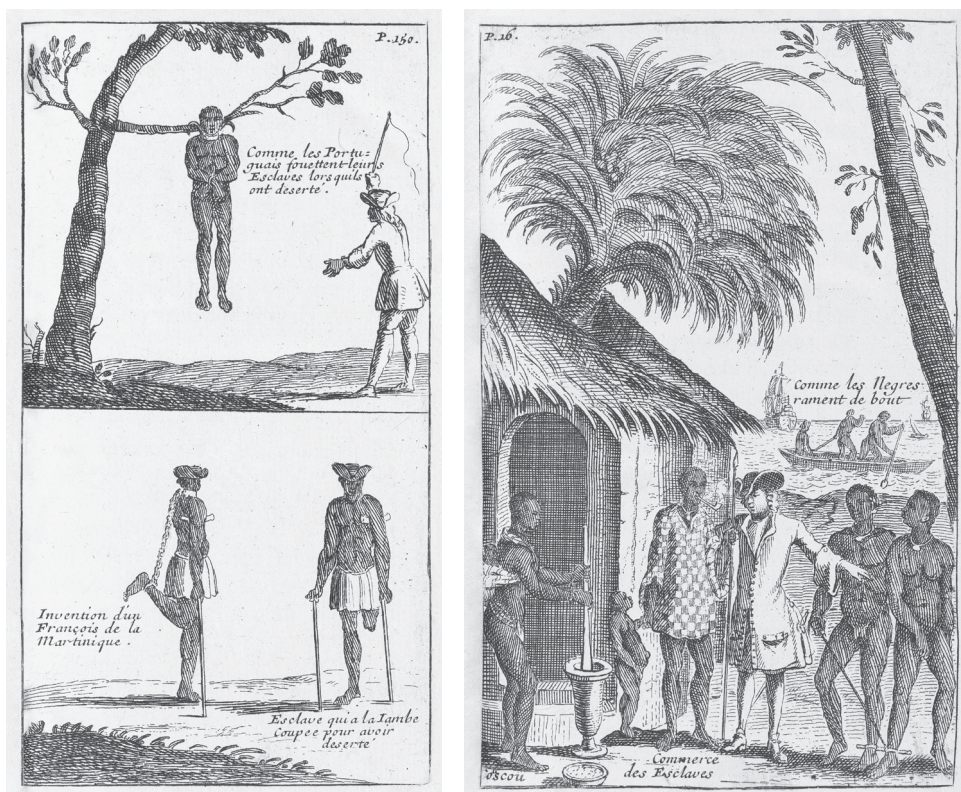
Brasil e suas riquezas eram objeto de cobiça para outras nações europeias. Além do interlúdio de oitenta anos durante os quais Portugal e sua colônia americana foram governados pela Espanha (1580-1640), holandeses e franceses também deixaram sua marca por aqui. Episódios como a França Antártica (1555-60) e a ocupação holandesa das capitanias do Nordeste (1630-54), sediada em Pernambuco, demonstraram que o domínio lusitano não era inquestionável. Piratas de diversas nacionalidades também fizeram incursões na costa brasileira até o século XVIII.

* As legendas interpretativas das autoras estão no final deste capítulo.

ATIVIDADES PROPOSTAS

1. Em “O açúcar chega ao Brasil” (pp. 53-6), é apresentado o processo de introdução e dispersão do açúcar no Brasil, bem como as motivações geográficas e mercantilistas que o engendraram. Solicite aos alunos — depois de dividir a turma em cinco grupos — a leitura integral do subcapítulo e a elaboração de mapas ilustrativos desse processo. Cada mapa deverá abordar um dos seguintes aspectos: núcleos produtivos (engenhos); mão de obra; qualidades morfoclimáticas; quantidades de produção; presenças estrangeiras.
2. A partir da leitura do subcapítulo “‘Outro Brasil’, francês e holandês” (pp. 56-63) e considerando os conteúdos desenvolvidos acerca das presenças francesa e holandesa no Brasil, converse com os alunos sobre o conceito de “colonização” e, depois disso, sugira que discorram sobre alianças e apoios aos portugueses e invasores.

Em seguida, peça que analisem as imagens abaixo (imagens 23 e 25 do livro) e elaborem dois textos dissertativos: o primeiro deve relacionar o conceito de colonização com a imagem 2.2.; o segundo, o conceito de “nação brasileira surgida a partir da mistura racial” com a imagem 2.3.



2.2. Gravuras de *Relation d'un voyage: Fait en 1695, 1696 & 1697, aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brezil, Cayenne & Isles Antilles, par une Escadre des Vaisseaux du Roy, commandée par M. de Gennes*, de Froger, 1698.



2.3. *Batalha dos Guararapes*, óleo sobre tela de autor desconhecido, 1758.

3. Indique aos alunos que leiam o subcapítulo “Na terra do trabalho forçado” (pp. 63-7) e analisem a imagem 2.4. (imagem 20 do livro). Em seguida, promova a audição das canções “Negro drama”, dos Racionais mc’s, e “Sucrilhos”, de Criolo. Com base na leitura, na análise da imagem e das canções, proponha uma discussão sobre as relações inter-raciais, nos dias de hoje, na região onde vivem.

Algumas sugestões de abordagens transdisciplinares (as disciplinas envolvidas estão indicadas entre parênteses):

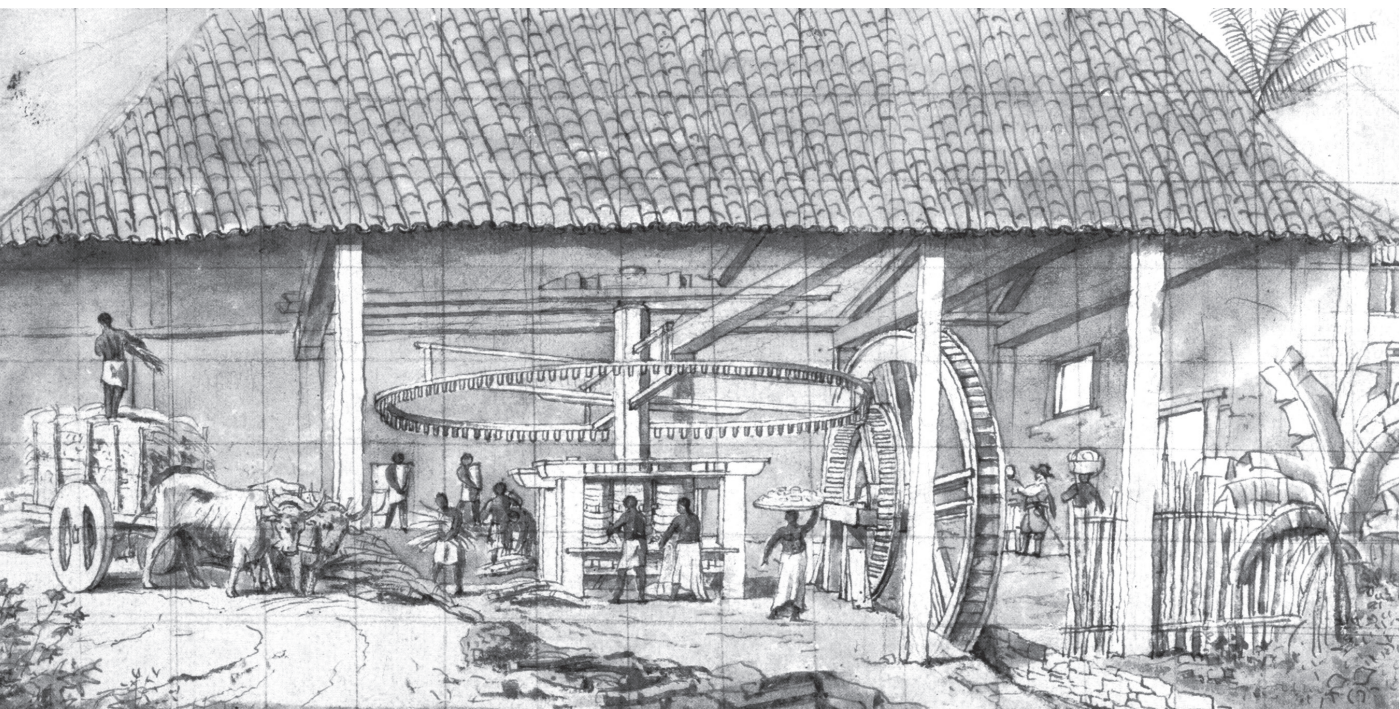
- a. A importância do hip-hop como linguagem cultural das ruas, originária de um lugar social tradicionalmente ignorado ou desprezado, que alcançou visibilidade na cena pública brasileira (artes, língua portuguesa, música, sociologia);
- b. Trabalho escravo, libertação e miséria (geografia, matemática, sociologia);
- c. Cotas raciais versus cotas sociais (biologia, filosofia, geografia, matemática, sociologia);
- d. As formas de representação do negro na cultura brasileira (artes, filosofia, língua portuguesa, sociologia);
- e. As relações centro-periferia e entre brancos e negros no Brasil (filosofia, geografia, sociologia).

4. A consolidação da chamada sociedade açucareira no Brasil estruturou-se baseada em distintas conformações políticas, econômicas, sociais e culturais, organizadas a partir dos interesses da metrópole portuguesa, conforme exposto em “Uma nova lógica do açúcar” (pp. 67-72). Assim, foram criados padrões de sociabilidade e valores hierárquicos que, de certa forma, sobreviveram ao tempo, ecoando e se mantendo na atualidade.

Desafie os alunos a pesquisar notícias em jornais e periódicos recentes que comprovem a permanência, ainda hoje, de padrões e valores baseados em privilégios. Oriente a montagem de um painel na sala de aula com o título “Quem manda e quem obedece no Brasil de ontem e no Brasil de hoje”, para refletir sobre o que nos torna uma sociedade que ainda apresenta índices determinantes para estarmos entre os países campeões de desigualdade social.

5. Os engenhos foram espaços sociais muito importantes ao longo da história do Brasil. Dada tal relevância, peça aos alunos que se dividam em grupos e realizem as seguintes atividades:

- a. Construir uma planta ou maquete de um engenho partindo das descrições feitas no capítulo 2;
- b. Pesquisar se existem plantas ou imagens de engenhos antigos e compará-las com a construída pelo grupo;
- c. Averiguar se existem ou se existiram engenhos na região onde vivem e se a tecnologia utilizada para o processamento da cana-de-açúcar mudou muito. Usar a imagem 2.4. (imagem 20 do livro) como referência;
- d. Na famosa obra *Casa-grande & senzala*, Gilberto Freyre mostra como, no universo do engenho, havia um equilíbrio tênue e violento entre senhores e escravos. Analisar como o capítulo explora as gradações de cores (de branco até preto) para a classificação das pessoas e dos produtos dentro da unidade produtiva que é o engenho.



2.4. *Pressoir à sucre au Brésil*, nanquim sobre lápis de Frans Post, c. 1637-44.

LEGENDAS INTERPRETATIVAS DAS AUTORAS

2.1a. e 2.1b. Albert Eckhout (1618-66) esteve na capitania de Pernambuco durante o domínio holandês e especializou-se em registrar o território, a natureza e os nativos locais. As ilustrações do artista devolvem também as visões de época, uma vez que Eckhout oferecia à sua clientela o que ela desejava ver: as práticas exóticas daquelas gentes. Na imagem da mulher tapuia, o pintor holandês incluiu a mão e o pé de um inimigo morto, numa clara alusão ao canibalismo e à curiosidade mórbida que cercava tal prática — a qual, aliás, Eckhout não verificou *in loco*.

Este casal pertence a uma série que compreende outros grupos: “Brasilianen”, “Tapuya”, africanos, mulatos e mamelucos.

2.2. Parte importante da história do tráfico de escravos transcorria já na costa africana: nações inteiras, muitas vezes em guerra, eram aprisionadas e comercializadas. Ainda nesse contexto, idealizaram-se verdadeiros manuais para “padronizar” as regras de comércio e ensinar uma série de castigos cujo objetivo era inculcar o medo e a obediência dentro do sistema escravocrata. Neste raro documento do século XVII vemos como eram rotinizadas as regras do “bem submeter”.

2.3. As tropas holandesas e luso-brasileiras enfrentaram-se nos montes Guararapes em 1648 e em 1649. Nas duas ocasiões, as bem treinadas forças da Holanda foram derrotadas por uma milícia local formada por índios, negros e brancos da colônia portuguesa. As batalhas travadas nos Guararapes são consideradas decisivas para a expulsão dos holandeses, que ainda levaria cinco anos para se concretizar. Os henriques (ou milícias negras) — uma tropa composta de escravos e forros, representada à esq. da tela, em primeiro plano — tiveram grande destaque nos confrontos. A bravura dos soldados rendeu ao seu comandante, Henrique Dias, ele próprio filho de negros libertos, uma condecoração da Ordem de Cristo e o título de “governador dos crioulos, negros e mulatos”.

2.4. Grande parte dos escravizados que aqui desembarcaram durante os séculos XVI e XVII foi destinada à produção açucareira. Uma vez no engenho, seu trabalho seria exaustivo. O caldo da cana era extraído nas moendas e cozido em tachos de cobre. Em seguida, era purgado em fôrmas cônicas de barro — os “pães de açúcar” —, onde o açúcar se depositava. Depois de secos, os açúcares — branco e mascavo — estavam prontos para o comércio. Neste desenho do século XVII, um pequeno senhor, com seu chapéu e roupas a distingui-lo, inspeciona os serviços, e a bananeira, no canto inferior à dir., parece simbolizar que estamos decididamente nos trópicos.